

BOLETIM ADVENTISTA

Órgão Oficial da Igreja Adventista do 7.º Dia

N.º 145

ANO XIII

Janeiro - Fevereiro

1975

«Certamente, cedo venho»

A. Casaca

Tal é a promessa que, através dos tempos e das gerações tem alimentado, poderosa e eficientemente, a esperança da Igreja.

Mas, convém ter presente que «um dia para o Senhor é como mil anos e mil anos como um dia». Por isso tem parecido que o Senhor tarda em cumprir a sua promessa. Hoje, mais que nunca, o Mundo sente a necessidade da intervenção de qualquer coisa que o tire do caos em que mergulha, cada vez mais.

Ainda há pouco tempo, um jornal inglês falava da chegada de uma grande personagem, nos seguintes termos: «Está para se levantar um grande dirigente que livrará a Terra do caos... Será um orador de voz sedutora. Falará em verso com naturalidade, e haverá música nos seus gestos. O seu conhecimento é colossal e os seus juízos perfeitíssimos. Em tudo o que fizer haverá um cuidado meticuloso, e é possível que os que entrarem em contacto com ele julguem nunca terem visto alguém de temperamento tão afável, tão agradável e tão digno de admiração. Aonde quer que ele fôr, será seguido pelo povo e com amor». Nota-se nesta descrição o interesse que atrai hoje todos os responsáveis pela situação actual da Humanidade. Compreendem que as coisas não podem continuar da mesma maneira e assim exteriorizam os seus desejos

de que o Mundo retome a marcha de há muito abandonada. Mas o artigo em questão prosseguia nestes termos: «A obra-prima deste líder será a de remover todas as ideias e instituições militares, que hoje conhecemos. Desde o momento em que iniciar a sua missão, as indústrias de armamentos usarão cada grama de energia, cada centavo de que dispõem para o destruir. Mas ele vencerá de uma forma dramática que aniquilará todos os que têm amparado a indústria. Os seus principais interesses serão inteiramente públicos; quer dizer: preocupar-se-á, continuamente com a alteração das condições sociais, e pela primeira vez nos tempos modernos, a democracia terá encontrado o seu único líder inconcusso. Não haverá qualquer oportunidade para que outros interesses reclamem a atenção. Esse homem arrasará os seus oponentes, e a sua obra terá êxito porque estará acima de nacionalidades e de seitas».

Eis uma declaração que nós podemos subscrever na generalidade e que merece a pena ser comentada.

Não há dúvida de que essa extraordinária personagem que deve vir, «estará acima» das nacionalidades e das seitas, pois não se trata de um homem!

(Continua na pág. 5)

A Ansiedade dum Presidente

por Henrique Berg

Presidente da União de Moçambique

A fim de conseguirmos pôr em dia a publicação do Boletim vamos publicar de Janeiro a Junho 3 Boletins com 20 páginas e de Julho em diante, mensalmente também com 20 páginas.

Esperamos a compreensão de todos.

A Redacção

«Sim, Pastor, como pode ver, toda a planta necessita ser aumentada. As salas de aula são pequenas. Os dormitórios não são adequados. Dois rapazes dormem numa cama de solteiro, e as meninas dormem três numa só cama — e ambos sem colchões. Os

estudantes pagam uma matricula que não chega para cobrir o material escolar que usam. Os nossos estudantes não têm dinheiro nem possibilidade de o ganhar. De acordo com a lei os nossos professores poderão ser impedidos de continuar a trabalhar, a menos que recebam melhor preparação. Se isso acontecer, as nossas escolas serão fechadas, e 6.000 rapazes e meninas ver-se-ão sem meios de estudar».

Estas foram as boas vindas que eu recebi quando cheguei a Moçambique e visitei Munguluni, onde está situada a nossa escola de preparação de obreiros. Soube, também, que todo o currículo oferecido era apenas os quatro anos da escola primária e três anos do curso bíblico. Mais tarde, ao explorar o campo, descobri, ainda, que os alunos apenas comem ao meio-dia e à noite. Durante o seu tempo livre, eles cozinham a sua própria «cassava» em tambores de óleo ao ar livre.

Boletim Adventista

Publicação mensal da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Angola

Director e Editor:
Ernesto Ferreira

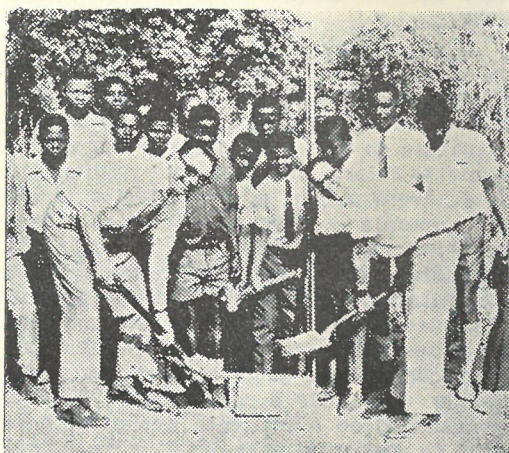
Proprietária:
Casa Publicadora Angolana, SARL

Redacção e Administração:
Missão Adventista — C. P. 3 - Nova Lisboa

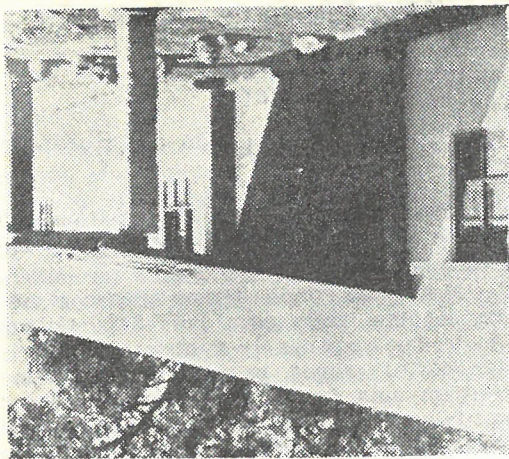
Composição e Impressão:
Missão do Bongo — C. P. 2 - Longonjo

Número Avulso 3\$00
Assinatura Anual 30\$00

ANO XIII — JANEIRO de 1975 — N.º 145



Um aspecto de lançamento da 1.ª pedra em Moçambique



Edifício Escolar em Moçambique

A escola de treino de Mungulúni tem apenas um professor para todo o curso de teologia. O orçamento não permite pagar o salário a um segundo. Se as propinas fossem aumentadas, os alunos não são capazes de as pagar. Eles sentir-se-iam felizes se pudessem trabalhar para pagar parte das suas despesas, mas as indústrias da escola são impraticáveis, porque Mungulúni se encontra muito isolado, muito distante de um mercado para serem vendidos os produtos preparados pelos alunos.

Neste momento é o dia da oportunidade para a nossa igreja em Moçambique. Por toda a parte, grupos de pessoas apelam para alguém que os ensine, mas não há obreiros para enviar. Há jovens activos e promissores; contudo, eles necessitam de serem preparados.

COMO RESOLVER ESTES PROBLEMAS

A União de Moçambique tem 15.000 membros de igreja e 27.000 membros da Escola Sabatina. Desde a reorganização do campo em 1972, a nossa União dedicou os seus esforços a encontrar a solução para

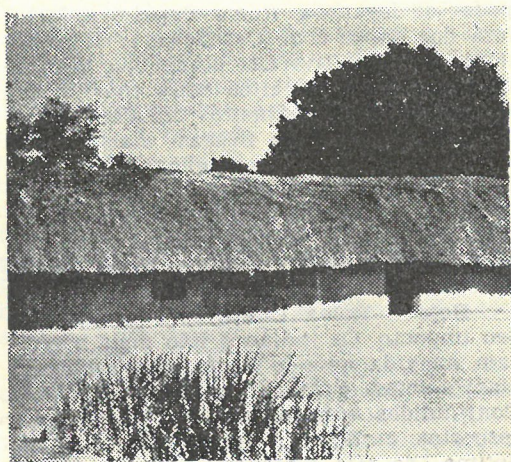
ALTERNATIVA MITIGADA

JANEIRO - FEVEREIRO de 1975

estes reais e urgentes problemas. Todos concordam que o único caminho para chegar a uma solução é construir-se uma nova instituição educacional adventista num lugar mais acessível. O sítio escolhido para a escola encontra-se a 15 kms da Beira, o centro geográfico do país. Aí nós teremos um mercado pronto para receber os produtos das indústrias da escola, e a Beira oferece um excelente território para a colportagem. Estão em estudo planos adicionais para acrescentar o curso secundário ao currículo e aumentar a preparação ministerial dos futuros obreiros.

O custo total deste projecto será aproximadamente de 9 milhões de escudos. Nós temos fé que, de qualquer modo, Deus proverá os meios para a construção desta necessitada instituição. O futuro da igreja em Moçambique depende disso.

Nós contamos convosco, queridos membros da Escola Sabatina à volta do mundo. Nós confiamos que, através de vós, Deus responderá às nossas orações. Estes são tempos sérios em Moçambique. Nós não podemos contar com o amanhã, mas, se nós tivermos obreiros bem preparados, obreiros sinceros de Moçambique, tudo irá bem. Então haverá uma igreja preparada para a volta do Senhor, neste canto do Sudoeste de África.

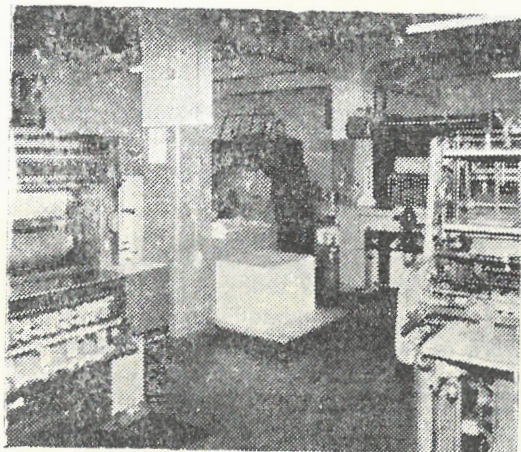


Antiga Escola em Moçambique

Apelo da Itália

S. F. Monnier

Presidente da União Sul-Europeia



Uma Tipografia na Itália

Há cerca de dois mil anos, Paulo respondeu pela sua crença em Jesus perante o imperador da antiga Roma, mas somente depois do seu ministério haver conseguido conversos na própria casa de Nero. Embora o apóstolo tenha pago o supremo preço por causa da sua fé, o seu exemplo de coragem serviu de inspiração a centenas de mártires que lhe seguiram. Depois, cerca de 400 anos mais tarde, na hora indicada por Deus, o reino de ferro foi dividido em resultado dos ataques das hordas dos Bárbaros, e outro poder se levantou, Roma Papal — a fortaleza dos papas e do Catolicismo. Os seguidores de Deus tiveram, ainda, que responder pela sua fé, muitos deles com o seu sangue, como os primeiros cristãos. Os séculos de perseguição fizeram mais vítimas na Itália do que em qualquer outra parte. Os verdadeiros discípulos de Jesus encontraram refúgios nos países mais favoráveis, e Roma continuava exercendo tal influência sobre as mentes do povo que tornava difícil semear as sementes da verdade.

Hoje a Roma Cristã está perdendo o seu impacto. Os italianos não mais acreditam na vida após a morte. Eles negligenciam a missa e deixam a fé dos seus pais. Confundidos e desapontados, eles buscam respostas, certezas. A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem a resposta. Além disso, há a liberdade como nunca houve de proclamar as novas da bem-aventurada esperança. Mas

os Adventistas do Sétimo Dia na Itália são poucos em número; são menos do que 4.500 para evangelizar 55 milhões.

Neste país, onde temos apenas a média de uma igreja para cada 2.000 milhas quadradas e apenas 41 ministros para cuidar destes grupos, os colportores desempenham uma função neste campo a todos os títulos vitais, para levar a mensagem de Deus ao povo. Além do seu ministério do dia-a-dia para salvar almas, os colportores entram numa área e preparam o território para que um evangelista possa conduzir um esforço de evangelização. Assim, e pelo seu cuidado em semear a semente, através da venda de literatura e pelo seu testemunho pessoal, eles estão seguindo o exemplo dado por estas tropas de choque adventistas através da história da nossa igreja.

Os 33 valorosos colportores italianos são dedicados ao seu trabalho. Eles vão de porta em porta com excelentes revistas «VITA E SALUTE» («Vida e Saúde») que tem uma circulação mensal de 55.000 exemplares, e «SEgni DEI TEMPI» («Sinais dos Tempos») que tem uma circulação mensal de 5.000 exemplares. Há também trinta livros de colportagem e nove volumes do Espírito de Profecia.

Esta literatura é publicada pela casa editora «L'Araldo della Verità» («O Arauto da Verdade») em Florença. Esta casa editora foi aberta há 50 anos atrás na Itália por uma igreja muito pequena com fé grande. Localizada ainda no edifício original, embora hajam sido acrescentados escritórios e salas, a Casa Editora parece-se agora mais um armazém ou depósito do que uma tipografia. Livros de colportagem, papel em stock, revistas e inventários acham-se amontoados em cada espaço livre, tornando o trabalho de impressão difícil, e não existe mais espaço para expandir.

Os nossos livros e revistas são absolutamente necessários ao trabalho da Igreja na Itália. Para fornecer livros aos nossos colportores e membros, necessita-se de um edifício mais funcional. Ninguém sabe por quanto tempo as portas se manterão abertas na capital do grande poder que desempenhará uma parte decisiva nos acontecimentos finais da história deste mundo. Ajudem-nos a trabalhar enquanto é dia.

«Certamente cedo venho»

(Continuação da 1.^a Página)

Também um famoso orador, precisamente, Mons. Fulton Sheen, que foi bispo-auxiliar de Nova Iorque se referiu a um super-homem que está para chegar, dizendo: «Virá disfarçado como um grande humanitário; falará de paz, prosperidade e abundância... Incentivará a fé na astrologia para lançar a culpa dos pecados sobre as estrelas e não sobre a vontade dos homens; explicará psicologicamente a culpa como repressão sexual; e invocará a religião para destruir a religião. No meio do seu aparente amor pela humanidade... terá um grande segredo que não dirá a ninguém: não crê em Deus».

Os dois passos citados — o do jornal inglês, escrito por um astrólogo e o do bispo americano — são válidamente comentados pela pena inspirada da Irmã White, quando escreveu:

«Como acto culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará a Cristo. A Igreja tem há muito professado considerar o advento do Salvador como a realização das suas esperanças. Assim, o grande enganador fará parecer que Cristo voltou. Em várias partes da Terra, Satanás manifestar-se-á entre os homens como um ser majestoso, com brilho deslumbrante, assemelhando-se à descrição do Filho de Deus, feita por S. João no Apocalipse 1:13-15. A glória que O cerca não é excedida por coisa alguma que os olhos mortais já tenham contemplado. Ressoa nos ares a aclamação de triunfo: «Cristo voltou! Cristo veio!» O povo prostra-se em adoração diante dele, enquanto o tal Impostor ergue as mãos e sobre eles pronuncia uma bênção, tal como Cristo abençoava os discípulos, quanto aqui esteve, na Terra. A voz do Impostor é meiga e branda, cheia de melodia» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 676.

Recordemos que o astrólogo disse: «Será um orador de voz sedutora. Falará em verso com naturalidade... O seu conhecimento será colossal». Por sua vez a Irmã White já tinha declarado há dezenas de anos atrás que será «um ser majestoso, com brilho deslumbrante, assemelhando-se... ao Filho de Deus», e acrescenta:

«Em tom manso e compassivo apresenta algumas das mesmas verdades celestiais e cheias de graça que o Salvador profetizava; cura as moléstias do povo... É este o poderoso engano quase invencível». *Ibidem*.

Será, realmente, um «poderoso engano», mas o povo de Deus não será seduzido.

Mais do que nunca temos necessidade de nos firmar, fortemente na Rocha Eterna da Palavra de Deus, de modo que saibamos responder com decisão e audácia: «Está escrito!»

A Irmã White declara, ainda:

Os anjos caídos formam na Terra confederações com os homens maus. Nesta época, aparecerá o Anticristo, como sendo o verdadeiro Cristo, e então a Lei de Deus será inteiramente anulada nas nações do nosso mundo. A rebelião contra a Lei de Deus amadurecerá plenamente. Mas o verdadeiro líder de toda essa rebelião é Satanás, vestido como anjo de luz. Os homens serão enganados e exaltá-lo-ão ao lugar de Deus, deificá-lo-ão — *Evangelismo*, pág. 365, 366.

Perante tão grandes manifestações só encontraremos segurança na Palavra de Deus. A prova será curta, mas severa e dura. Sabemos que, quando o mundo estiver adorando o falso Cristo, então o próprio Senhor aparecerá «com poder e glória. Disse Jesus: «Vigiai, pois em todo o tempo, orando para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder, e estar em pé na presença do Filho do homem». (Lucas 21:36).

Há um grande poder ao serviço de Satanás que está promovendo a união entre as Igrejas, apesar da diversidade de credos, procurando, apenas um único denominador comum. Dos púlpitos protestantes e católicos, das plataformas de conferências sobre religiões orientais, como a ioga, o budismo, o hinduísmo, o tom é uníssono e insistente: a unidade. Unem-se, cada vez mais, os erros acerca do estado dos mortos, dizendo que se encontram num estado consciente, graças à doutrina da suposta imortalidade da alma e todos vão admitindo que as almas desencarnadas se vão aperfeiçoando de acordo com a capacidade do homem de se tornar — ao cabo de longos séculos — um deus!»

Cumpre-nos, mais que nunca estar vigilantes e rebater o erro. Para isso o único e grande método é — repetimos — a Palavra de Deus, na qual também assentamos a nossa fé para aguardar o cumprimento da realização da bem-aventurada esperança que é a Volta gloriosa do nosso Divino Salvador.

ANO SANTO

Renovação e Reconciliação

Extraído da Revista «ATALAIA» de Janeiro de 1975

DOMINGO, 2 de Dezembro de 1973, o primeiro domingo de austeridade, às 12 horas o Papa, dirigindo-se da janela do seu escritório privado à multidão reunida na Praça de S. Pedro, assim se explicou:

«Filhos caríssimos! Os sinos, os ouvistes? Hoje, por decisão da Conferência Episcopal Italiana, nesta hora, em toda esta nação, o som simultâneo de nossos sinos desejando anunciar ao povo que começa nas igrejas locais o Ano Santo. Escutai este concerto, escutai esta harmonia. Como sempre, o sino faz sentir sua voz ressonante entre a terra e o céu; é o diálogo da fé e da oração. Suspensa no alto, sobre nossa vida terrena, horizontal e profana; um canto metálico, intérprete das vozes que partem ao alto invocando a efusão das bênçãos de Deus.

«Para que este repique extraordinário? Diremos: porque hoje, primeiro domingo do abre-se o Ano Santo, celebrado localmente em expectativa e preparação daquele típico e único no mundo, que, em Deus querendo, celebraremos em Roma em 1975. E que vem a ser o Ano Santo? Já o sabeis, e ainda vos será explicado. É um período de revisão religiosa e moral da nossa vida em confronto com o designio cristão a nós apresentado pelo Concílio. É um exame positivo quanto à autenticidade de nosso cristianismo no contexto da vida moderna; um exame firmado em dois pontos, dois eixos: a renovação e a reconciliação» (1).

Mas que é este Ano Santo de que fala Paulo VI? Qual é sua origem?

AS ORIGENS BÍBLICAS

Das Sagradas Escrituras aprendemos que o povo hebreu festejava o ano sabático a cada sete anos conforme a instituição referida em Êxodo 23:10 e 11 e Levítico 25:1 a 6. Começava logo depois da colheita e o povo, ricamente abençoado por Deus, era assim liberado do penoso trabalho nos campos. Os filhos de Deus, desse modo, podiam se aproveitar da oportunidade para adquirir um maior conhecimento da lei e instruir suas famílias. O ano sabático ensinava a cada um que Deus provê a todos e que cada um depende tão-só d'Ele.

Todo quinquagésimo ano festejava-se o Jubileu com particular solenidade. Esse ano era anunciado com o soar de uma corneta feita de chifre de cabra, cujo nome, «jobel», passou a designar o evento.

Durante o Jubileu, assim como durante o ano sabático, não se colhia nem se vin-dimava, mas se consumiam as provisões acumuladas nos anos precedentes (2). Os produtos que cresciam espontaneamente eram destinados aos pobres. Por outro lado, o Jubileu comportava a remissão dos débitos, a libertação dos escravos (3) e o retorno ao antigo proprietário dos terrenos e das casas adquiridas depois do último Jubileu; (4) com essa última disposição Deus desejava fazer recordar ao povo de Israel que a Terra Lhe pertencia e que, por tanto, os israelitas não eram senão os arrendatários. Na prática, as leis relativas ao Jubileu asseguravam um periódico retorno dos direitos de propriedade limitando o latifúndio e a escravidão.

Após o cativoiro babilônico a festa do Jubileu caiu pouco a pouco em desuso.

O RESTABELECIMENTO MEDIEVAL

Em plena idade Média, a Igreja Católica instituiu o primeiro Jubileu moderno.

«É sabido que o primeiro Jubileu foi determinado por Bonifácio VII em 1300. O povo romano e piedosos romeiros de todas as regiões da Itália se movimentaram, impelidos pela tradição, segundo a qual uma grande indulgência seria atribuída, (...) a quem a rogasse sobre o sepulcro do apóstolo Pedro. A própria bula de Bonifácio VIII sugere esta tradição.

«Clemente VI reduziu o intervalo para cinquenta anos; Urbano VI a trinta e três e, finalmente, Paulo II, com uma bula do ano 1470, fixou o período em vinte e cinco anos para a indicação do ano jubilar, que logo passou a ser comumente chamado, Ano Santo» (5).

Em 1300, uma indulgência plenária (perdão geral) era prometida pelo pontífice a todo aquele que houvesse visitado em especial as basílicas de S. Pedro e S. Paulo.

Dante Alighieri, autor da obra-prima *A Divina Comédia*, participou disso e descreve, numa passagem do «Inferno», a multidão então presente em Roma:

«Em Roma, assim, às turbas, que se apinham

Do jubileu no tempo, sobre a ponte

Se abriu aos que iam trânsito e aos que vinham:

De um lado andavam, os que tendo em frente

O castelo, a S. Pedro se endereçam,

E do outro lado os que iam para o monte». (XVIII, 10 e 11 — Tradução de

J. P. Xavier Pinheiro).

O JUBILEU HOJE

Num aspecto o presente Jubileu, ou Ano Santo, difere dos precedentes: na atribuição de indulgências especiais às igrejas locais que normalmente ocorria após as celebrações romanas; agora, ao contrário, as condições prescritas para obtê-las — ou seja, para usufruir das indulgências — são antecipadas e concedidas às igrejas católicas italianas um ano antes do momento culminante e conclusivo que se dará em Roma neste ano.

Em que consiste a indulgência plenária concedida durante o Ano Santo?

A indulgência, a remissão, perante Deus, da pena temporal ou Purgatório, devida pelos pecados (6).

Segundo o dogma católico, o Sacramento da Penitência ou Confissão, que reconcilia o pecador com Deus por meio da Igreja, revoga a culpa e a pena eterna pelo pecado.

A pena temporal nem sempre vem redimida pelo Sacramento da Penitência. Eis que para remir a pena temporal intervém a indulgência que pode ser parcial ou plenária, segundo redima a pena completa ou em parte.

Como pode um católico fiel fruir dos benefícios? A base das indulgências jazem dois dogmas: a existência de um tesouro da Igreja e o princípio pelo qual esse pode ser aplicado em benefício de seus adeptos.

COMPRANDO A SALVAÇÃO

A Indulgência, que, segundo o dogma católico, é a remissão perante Deus da pena temporal que a igreja concede aos vivos na forma de completa e definitiva absolvição e aos mortos como sufrágio, tem como fundamento o dogma do tesouro da Igreja e o princípio pelo qual a Igreja, e por esta o Pontífice, pode dispor desse Tesouro em favor de seus adeptos.

Examinemos, a seguir, o valor desse tesouro que, segundo a doutrina católica, é constituído pelos méritos de Cristo e dos santos (7).

É inegável que Cristo possuía méritos e que com base nisso o homem que crê em Cristo encontra graça para com o Eterno; mas não tem base nas Escrituras a doutrina de que alguns homens, os «santos», hajam conseguido méritos perante Deus.

Somente Cristo possui méritos porquanto n'Ele não se encontrou pecado algum: «Aquele que não conheceu pecado, Ele o fez pecado por nós; para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus» (8).

Todos os homens sendo pecadores (9) não só não podem transmitir méritos para a salvação de seus semelhantes como para a sua própria. Na verdade a salvação advém não por meio de um homem, mas unicamente por Cristo, como chegaram a testemunhar os apóstolos Pedro e João perante o Sinédrio judaico: «E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos» (10).

Ademais, para ter acesso aos méritos de Cristo é necessária a mediação da Igreja? É necessária sua intervenção para obter de Deus o perdão pelos pecados e a absolvição pelas penas presentes e futuras?

A comunhão entre o homem e seu Salvador deve ser directa, nenhum indivíduo ou instituição deve interpor-se entre os dois (11). O único mediador entre Deus e o homem é Cristo: «Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem» (12).

DIFERENÇAS ENTRE OS JUBILEUS

Volvamos por instantes às passagens bíblicas a que se fez referência no início deste artigo. São particularmente importantes duas delas: Levítico 25:13 e 25:39 a 41. A primeira dessas referências diz claramente: «Neste ano do jubileu tornareis cada um à sua possessão». E a segunda acrescenta: «Também se teu irmão empobrecer, estando ele contigo, e vender-se a ti, não o farás servir como escravo. Como jornaleiro e peregrino estará contigo; até ao ano do Jubileu te servirá: então sairá de tua casa, ele e seus filhos com ele, e tornará à sua família, e à possessão de seus pais».

Essas duas prescrições, como já fizemos notar, limitavam o latifúndio, e a expansão da escravidão.

O Eterno desejava impedir que a terra de seu povo ficasse nas mãos de poucas famílias e intencionava ainda impedir que os

hebreus considerassem os escravos não mais que bestas de carga.

O que a Igreja Católica conservou do Jubileu bíblico, tão rico de valores sociais? Ela possui imensos latifúndios que a miúdo entram no jogo da especulação imobiliária. Poderia vender tais latifúndios não a particulares destituídos de escrúpulos, mas às comunidades e às dioceses mais pobres a fim de que com isso viessem construir habitações decentes para os elementos mais carentes de recursos da sociedade. Poderia, por outra, não limitar-se apenas a meras palavras, ainda que influentes, na defesa dos direitos e da dignidade dos proletários a fim de que também para eles, os escravos de nossa sociedade, comece o Ano Santo verdadeiro, ano de libertação da alienação e exploração.

Por outro lado, a Igreja possui imensas riquezas que poderiam ser empregadas directamente no melhoramento das condições dos oprimidos e de todos quantos se sentem excluídos desta opulenta sociedade.

Tudo isso poderia fazer a Igreja para sentir-se moral e materialmente empenhada. Mas o fará jamais?

RENOVAÇÃO E RECONCILIAÇÃO

Na audiência geral de 9 de Maio de 1973 o Papa, anunciando a indicação do Ano Santo para 1975, disse: «É necessário pôr em evidência a concepção essencial do Ano Santo, que é a renovação interior do homem: do homem que pensa, e pensando perdeu a certeza na verdade; do homem que trabalha, e trabalhando dá-se conta de achar-se tão abortado a ponto de não possuir mais suficientemente o próprio colóquio pessoal». (13).

O Papa anseia que o Ano Santo seja um ano de reflexão e arrependimento, condições necessárias e indispensáveis para uma profunda renovação interior.

Mas a renovação dos fiéis será acompanhada da renovação das estruturas eclesiais? A reforma dos espíritos será acompanhada de uma reforma da Igreja como instituição?

Na mesma ocasião, o Papa acrescentou: «Temos acima de tudo necessidade de restabelecer relações autênticas, vitais e felizes com Deus, de ser reconciliados na humildade e no amor com Ele, a fim de que a partir dessa primeira harmonia constitucional todo o mundo da nossa experiência exprima uma exigência e adquira uma virtude de reconciliação, na caridade e na justiça com os homens, aos quais reconhecemos na designação renovadora de irmãos. A reconciliação se desenvolve sobre outros planos vastíssimos; a própria comunidade

eclesial, a sociedade, a política, o ecumenismo, a paz...» (14)

Certamente todos carecemos de ser reconciliados com Deus, pois vemos hoje o pecado triunfar em nós próprios. Conquanto admitindo que é um dever cristão reconciliar-se com o nosso próximo, sustentamos do que sobre o lema do amor, calcada sobre a verdade.

Monsenhor Antonio Mazza, secretário geral da Comissão Organizadora do Jubileu, que esta reconciliação deve ser feita, mais a quem se perguntou se seria possível a reconciliação entre católicos e comunistas, católicos e grupos de contestação, assim respondeu: «Se da parte desses grupos de pessoas não se der arrependimento e reproximação com a Igreja, não pode haver reconciliação. Isso não exclui, porém, a existência de uma difusa boa-vontade em encontrar-se, dialogar, tendo sempre presente, contudo, as verdades essenciais da Igreja Católica (...) *Mas se vai contra o dogma, nada há a fazer* — conclui Monsenhor Mazza; — permaneceremos bons amigos, porque espiritualmente devemos amar todos, mas quanto à reconciliação profunda, inútil falar» (15).

Portanto, por reconciliação a Igreja Católica entende o puro e simples retorno ao seio da «Madre», de maneira que os católicos contestadores devem lançar fora o catecismo holandês, os comunistas esquecer-se de Marx e os protestantes repudiar Lutero. Este último certamente, caso pudessem reviver, não se regozijaria em ver os evangélicos retornando àquela Igreja que tanto combateu exactamente por motivo das indulgências.

Não é ao Ano Santo, pois, que voltaremos nossos pensamentos, mas ao «Ano Aceitável» que Cristo inaugurou com o Seu sacrifício na cruz: «O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque o Senhor Me ungiu, para (...) apregoar o ano aceitável do Senhor» (16).

(1) L'Osservatore Romano, 3-4 de dezembro de 1973.

(2) Levítico 25:11, 12.

(3) Levítico 25: 40, 41.

(4) Levítico 25:13-17.

(5) Il Libro del Pellegrino, editado e distribuído pela «Comissão Central do Ano Santo», 1950, p. 6.

(6) Cãnon 911. Codex Iuri Canonici: «Indulgência é a remissão perante Deus da pena temporal devida pelos pecados já expiados no que tange à culpa, que a autoridade eclesiástica concede por meio de absolvição aos vivos e por meio de sufrágio aos mortos».

(Continua na página 11)

Nosso chamado sagrado

por Ellen G. White

TEXTO: Sobre a minha guarda estarei, e sobre a fortaleza me apresentarei e vigiarei, para ver o que fala comigo, e que eu responderei, quando eu for arguido». Habacuc 2:1.

Vivemos num importante período da história deste mundo, e temos agora com necessidade de estar em constante ligação com Deus. Os vigias sobre os muros de Sião têm necessidade de ser vigilantes e fiéis. Os que afirmam estar a proclamar ao povo, as palavras do Senhor, deveriam atingir o mais elevado padrão de nobreza espiritual; nesta altura não falarão às pessoas nas suas próprias palavras; Cristo diz-nos: «Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração.»

Os alunos na escola de Cristo vigiarão a oração. Terão fé de que Deus os impregnará com Seu Santo Espírito, de modo a que não falem às pessoas as suas próprias palavras, mas as palavras do Senhor, que lhes serão concedidas. Os homens que estiveram a esforçar-se por ganhar almas para Cristo, terão grande interesse em serem bem sucedidos neste trabalho.

Não queremos perder de vista o peculiar carácter sagrado desta missão de ministrar ao povo, quer por palavras, quer pela doutrina. É obra do ministro, transmitir palavras da verdade solene e sagrada verdade. Alguns têm o hábito de contar anedotas durante os seus discursos, as quais têm a tendência de divertir e afastar da mente do ouvinte a santidade da palavra com a qual estão a lidar. Esses deviam meditar e compreender que estão a transmitir ao povo a palavra do Senhor. Quando as ilustrações são demasiadas, não exercem a devida influência; elas depreciam a dignidade sagrada que deveria ser sempre mantida na apresentação da palavra de Deus.

O mensageiro de Deus tem a obra especial de transmitir a verdade, em toda a sua simplicidade e pureza. Se ele aprender na escola de Cristo, não depreciará os seus discursos com ideias irrevelantes e anedotas.

Deveria considerar que se encontra entre o Deus eterno e almas mortais.

É dever do ministro do Evangelho cultivar o senso do seu elevado e santo chamado, e dar evidência de que aprecia os privilégios e oportunidades colocadas ao seu alcance, através do exemplo de mansidão e amor de Cristo. Deveria considerar os Seus sofrimentos e morte para poder pôr estes privilégios ao seu alcance. Jamais deveria tornar-se insípido e sem vida em seus esforços mas devia procurar sempre subir mais alto, preparando-se cada vez melhor, através da graça que Cristo oferece. Não deveria sentir-se satisfeito em ser apenas um ministro trivial, mas sim esforçar-se por ser um instrumento polido nas mãos de Cristo. Devia procurar constantemente elevar os seus semelhantes e glorificar Deus, através do seu procedimento, de suas palavras e de sua devoção sincera.

A obra, e como ela é realizada, é de grande importância; requer portanto a mais elevada cultura da mente e a pureza da alma, para que possa ser realizada como convém. Todo o ministro devia aproveitar ao máximo as oportunidades inestimáveis, que são colocadas ao seu alcance, e devia possuir uma elevada e santa confiança em Deus. Devia aumentar o uso dos talentos a ele confiados, através do seu emprego apropriado, e então acharia maior poder para o bem; e o seu objectivo principal, deveria ser o ganhar de almas para Cristo. Há alguns que empreendem tão grandes esforços, apenas para se exibirem a si próprios, e mostrarem sua própria destreza, mas não para erguer Jesus Cristo diante do povo.

Outros buscam ardentemente, ser perspicazes nos argumentos, mas não demonstram o amor e a graça de Cristo no coração. Não deixam ao povo a impressão de que têm uma mensagem solene de Deus para os homens, e de que conhecem Jesus Cristo.

É importante que o ministro tenha o espírito de Jesus. Os seus ensinamentos deviam mostrar que ele se alimenta da Palavra de Deus, que vive de acordo com ela; e na sua

familiaridade com esta Palavra, instará em tempo e fora de tempo a fim de buscar sempre coisas novas. Revelará que possui consciências solene do valor das almas, e que o «eu» fica completamente esquecido ao apresentar ao povo as sagradas verdades de Deus. Não dará a impressão de que busca mostrar as possibilidades do seu intelecto, mas sim erguer Cristo crucificado perante o povo.

Todos os que buscam abrir as Escrituras a outros deviam compreender a sua responsabilidade para com Deus, e compreender também que estão diante de uma congregação de almas, que terão de enfrentar de novo no julgamento de Cristo, e que a sua mensagem será um argumento de vida para vida ou de morte para morte. Apresente aos ouvintes em linguagem simples, as reivindicações da lei de Deus para com os homens, enquanto o seu próprio coração é suavizado e dominado pelo Seu Espírito. Esta é a nossa mensagem. Na Sua santa lei Deus deu ao homem as normas de vida, a fim de que este pudesse dirigir e controlar as suas palavras e acções. Esta lei não permite neutralidade. Ela está presente na vida de todas as pessoas, até que todos os casos fiquem decididos para a vida eterna ou perdição.

Se os ministros da Palavra tiverem a consciência de que terão de enfrentar cada um dos seus ouvintes, diante do tribunal do Céu e de dar uma satisfação a Deus da maneira como cumpriram a sua missão, o motivo e o espírito que os levou às acções, haveria um ministério mais elevado. Este é um peso de responsabilidade, a que os mensageiros da verdade não podem escapar, e o ministro que tem consciência do alto carácter do seu trabalho, perguntará como Paulo:

Vós sois um espectáculo ao mundo aos anjos a aos homens. Os anjos compartilham com os obreiros, nas suas responsabilidades e não irás tu, obreiro, cultivar ideias correctas quanto ao alto chamado e sagradas responsabilidades? Poderias desesperar se não fosse a certeza e evidência de que a tua capacidade vem de Deus.

A recomendação que Paulo deu a Timóteo é a que é dada a todos quantos o Senhor enviou para trabalharem na grande seara. «Conjuro-te pois diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há-de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no Seu reino, que pagues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanidade e doutrina. Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências, e desvia-

rão, os ouvidos da verdade, voltando às fábulas. Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faz a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério».

Ministrar, abrange muito mais do que a simples pregação. A fim de cumprir esta obra sagrada e proeminente que está ligada a interesses eternos, o ministro deve ser um homem que não terá uma opinião elevada a respeito de si próprio, ou de sua própria destreza, mas que perderá o senso de sua importância na elevada visão da incomparável misericórdia e amor de Jesus Cristo. Então viverá com Deus. A sua vida de dedicação sincera e de verdadeira santidade, que ele leva consigo onde quer que vá esta intimamente ligada a tudo quanto faz, torná-lo-á um obreiro vitorioso e eficiente. É um cooperador de Jesus Cristo, e é fiel no trabalho que lhe foi designado, do mesmo modo que Cristo foi fiel na Sua obra. Não exaltará o eu, quer por palavras quer por acções, mas a sua conversação acerca de Cristo; pregará apenas a Cristo.

Esta é a espécie de ministro que prova ter sido chamado e escolhido por Deus, para o Seu serviço sagrado. Em todo o discurso, Cristo é apresentado, louvado não apenas através da repetição de palavras, mas no profundo fervor do espírito; e a influência divina que acompanha a palavra dá uma prova evidente de seu ministério. A pregação em si não realizará isto. É o espírito do esforço demonstrado fora do púlpito, que testifica o verdadeiro carácter do obreiro.

O trabalho especial para este tempo, deve ser realizado através do esforço pessoal; é a revelação de Cristo, através do grande interesse mostrado pelas almas por quem Cristo morreu. A habitual dedicação fervorosa que auxilia o obreiro Cristão, fará a sua impressão, e o ministro não sentirá confiança em si própria, mas dependerá de Deus. Será com frequência encontrado em oração, abrindo a sua alma, e suplicando com choro e lágrimas como fez o seu Mestre antes dele. Então as suas súplicas constantes e fervorosas aproximá-lo-ão de Deus. Viverá como que á luz do Seu semblante. O seu comportamento é conversação, estarão em conformidade com o mais elevado interesse de sua alma. Tomará as pessoas á parte, conversará e orará com elas; e esta espécie de serviço que será coroado de êxito.

É necessário que os obreiros sintam um amor profundo pelas almas por quem trabalham! Deus requer mais do que aquilo que os Seus servos Lhe dão. Alguns formam o hábito de apresentar argumentos, por não possuírem um conhecimento mais vasto da verdade. Têm uma visão geral de alguns assuntos doutrinários, e não almejam ir mais alto. Não procuram familiarizar-se com as

Escrituras através do estudo das profecias, a fim de que possam apresetá-las sempre que necessário e em qualquer lugar. Não possuem Cristo no coração, e por conseguinte não gostam de se demorar a meditar e a estudar os ensinamentos práticos de Cristo.

Em vez de darem provas evidentes do seu ministério, mostram possuir um conhecimento limitado da verdade. São ignorantes quer quanto as Escrituras ou ao poder de Deus. Não passam tempo em meditação e oração. Não conhecem pessoalmente os movimentos do Espírito de Deus. Nem oram, nem vigiam em oração. Mantêm Cristo afastado de suas vidas. Os discursos são monótonos, sem espiritualidade, sem Cristo, tão destituídos dos elementos vitais, como estava a oferta de Caim, e na qual não se encontrava o Redentor do mundo — a eficácia do sangue de Cristo.

Jesus não é hoje pregado em muitos dos púlpitos. Prega-se tudo, menos Cristo, exactamente porque o pregador não O conhece pessoalmente. Alguns adoptam o sistema de estudar autores diferentes, e pensam que isto os auxiliará grandemente nos seus discursos. Lisongeiavam-se a si próprios de que são muito intelectuais e que pregam bons sermões, e assim pode ser: mas o rebanho não é alimentado com o pão da vida; o alimento foi colocado além do seu alcance. O que as igrejas necessitam hoje, é da pregação do sangue de Cristo, e da graça da Sua expiação. Devem ser ensinadas quanto ao pecado e à necessidade de se ter o espírito de Cristo entrelaçado em todos os afazeres quotidianos.

O que o mundo necessita hoje, é de saber o que devem fazer para serem salvos. Há muitos discursos interessantes e agradáveis, a que o orador tem como o auge do êxito, mas eles não são desse modo registados por Aqueles que pesa os pensamentos e motivos dos homens, que não olha para as aparências exteriores, mas para o coração. Ele pesa tais discursos nas balanças do Santuário e diz serem deficientes. O único elemento que os tornaria num sucesso é — Jesus, a Luz do mundo.

Há necessidade de que o obreiro ore com mais fervor ao pedir a benção divina, antes de se aventurar a falar ao povo. Quando o coração está em paz com Deus, quando a luz celestial ilumina a alma, então os lábios pronunciarão certamente as palavras de Cristo, através da apresentação dos méritos de um Salvador crucifica-

do e ressuscitado. A atmosfera do céu rodeará o orador, e as almas sentirão certamente a presença de Jesus Cristo no seu meio. Não há assunto mais necessário do que ensinar ao povo a verdadeira santidade, a fé e o amor em Jesus Cristo, através do exemplo e do preceito. As grandes massas de povo, são mais ignorantes do que muitos supõem. Devem ser instruídos preceitos sobre preceitos, relativamente ao que deverão fazer para serem salvos.

Pessoas diplomadas e pessoas de elevadas posições sociais, oradores eloquentes, estadistas, homens em elevadas e importantes posições de confiança, têm empregado as suas faculdades e o seu intelecto, a outros assuntos, mas têm negligenciado as coisas que são para eles de maior importância. São ignorantes quanto as Escrituras e ao poder de Deus. Quando esses homens são vistos na congregação, o orador em geral esforçar-se por pregar um sermão intelectual, e o assunto escolhido terá tão pouco da simplicidade da verdadeira religião Bíblica e da dedicação a Deus, quanto possível.

Não pregam Cristo. Não especificam que o pecado é a transgressão da lei. Raramente tornam claro o plano da salvação. Raramente dizem o que uma pessoa deve fazer para ser salva. O que teria feito com que os corações daqueles homens de posições de responsabilidade fossem tocados, seria mostrar-lhes Cristo na Cruz do Calvário, pôr a redenção ao seu alcance. Como as crianças, devia ser-lhes ensinado como fazer de Jesus seu amigo, e como O introduzir na sua vida profissional.

Os ministros têm necessidade de ter uma maneira mais clara e simples de apresentarem a verdade, tal qual ela é em Jesus. As suas próprias mentes têm necessidade de compreender mais amplamente, o grande plano da salvação. Podem então desviar as mentes dos ouvintes, das coisas terrenas para as espirituais e eternas. Há muitos que desejam saber o que devem fazer para serem salvos. Pretendem uma explicação simples e clara dos requisitos da conversão e não se deveria pregar um sermão sem que uma parte dele fosse relacionada com a maneira pela qual os pecadores podem aproximar-se de Cristo e serem salvos. Devem orientá-los para Cristo como o fez João e, com o coração tocado pela simplicidade e o amor de Cristo, dizer: «Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo». Deviam ser feitos sinceros apelos ao pecador, para que se arrependa e se converta.

(Continuará no próximo número)

A Classe da Escola Sabatina Uma Unidade Evangelizadora!

por J. Morgado

O grande objectivo da Escola Sabatina deve ser a de conquista de almas (C.S.E.S. 61).

Se este é o grande objectivo da Escola Sabatina temos que nos organizar para que vejamos resultados.

Eis alguns passos que se tornam necessários seguir para fazer de cada classe da Escola Sabatina das igrejas uma verdadeira «Unidade Evangelizadora».

1.º Escolher um grupo de professores consagrados

«A maior necessidade no trabalho de nossas igrejas, hoje, é o de professores preparados, que ponham toda a mente em seu preparo, toda a alma e toda a vida nas ilustrações que apresentam» (Ensinar) assim um professor de êxito deve:

- 1.º Ter um conhecimento perfeito de Cristo
- 2.º Ter um conhecimento perfeito da Bíblia
- 3.º Ter um conhecimento dos alunos
- 4.º Ter dedicação pela salvação de almas.

Jesus foi o mestre perfeito a quem devemos imitar, e usa autoridade vinda do conhecimento das Sagradas Escrituras. Também Jesus adaptava os seus ensinosa mentalidade, profissão e conhecimentos dos alunos. Mas, o professor só terá êxito quando juntar a estes requisitos uma paixão pela salvação das almas. Somente com este predicação poderá transformar a sua classe numa autêntica «Unidade Evangelizadora».

A classe da Escola Sabatina deve ser pequena (10-12) pessoas. Uma classe pequena desenvolve o espírito de amizade e companheirismo nas almas; permite uma salutar troca de impressões sobre os assuntos versados; incentiva o estudo diário; permite notar imediatamente os ausentes; permite ter mais fácil contacto com os ausentes.

Deve pois o professor dedicar-se à organização da sua classe para o trabalho missionário. Quanto mais a classe estiver em actividade, mais progredirá no campo espiritual. O monitor deve transformar-se no director de um grupo missionário vivo.

Eis algumas ideias missionárias que podem ser postas em prática pela Unidade Evangelizadora que é a Escola Sabatina:

- 1.º Organizar uma Escola Sabatina filial, por cada classe.
- 2.º Colaborar na operação resgate, isto é, no contacto com antigos membros de Igreja, trazendo-os de novo ao convívio com igreja.
- 3.º Visitar os alunos ausentes, na mesma tarde desse dia de sábado.
- 4.º Colaborar no trabalho de beneficência: recolhendo donativos, visitando hospitais, prisões, asilos, etc.
- 5.º Colaborando na distribuição de folhetos, obtendo inscrições para a Escola Bíblica Postal, etc.
- 6.º Trazer visitas à Escola Sabatina.
- 7.º Manter um plano para o Fundo de Inversão.

Eis alguns pontos que desejamos lembrar aos monitores das classes da Escola Sabatina de modo a os incentivar a fazerem da sua classe uma «Unidade Evangelizadora».

J. A. Morgado

ANO SANTO ... (Continuação da página 8)

- (7) Enciclopédia Feltrinelli Fischer, «La Religione Cristiana», Milão, 1971, p. 283: «(...) Cristo, representando todos os homens, ofereceu ao Pai Celeste uma compensação superabundante. Segundo tal doutrina, na obra da redenção participam com sua cooperação também os santos, e a igreja, como esposa de Cristo, pode dispor desse Tesouro ou seja, pode rogar a Deus a fim de que pelos méritos de Cristo e — sempre na dependência d'Ele — dos seus santos, use benévola misericórdia para com um homem».
- (8) II Coríntios 5:21.
- (9) Romanos 3:9, 10, 23.
- (10) Actos 4:12.
- (11) S. Mateus 11:28.
- (12) I Timóteo 2:5.
- (13) Ano Santo 1975, Coleção II Pastor n.º 13, Alba 1973, p. 4.
- (14) Idem, pp. 5 e 6.
- (15) Il Giorno de 30 de novembro de 1973.
- (16) Isaías 61:1 e 2.

O Cristão e a dor

Dr. Samuel Ribeiro

«O coração alegre serve de bom remédio. mas o espírito abatido virá secar os ossos». (1)

É comum afirmar-se que a dor e o sofrimento são a herança virtual de todo o ser humano e que, concebidos na dor, só a ela podemos aspirar na vida. Assim, para muitos, o sofrimento é a palavra de ordem das suas existências: vivem para ele, só nele falam e se não existe como facto presente, antecipam-no augurando-o no futuro. As suas dores, sofrimentos e tristezas, são tidas como as maiores e mais profundas e extensas do que as de qualquer outra pessoa (2): e, encerrados nos limites estreitos da auto-compaixão, não têm capacidade para se transcenderem a si próprios irmanando-se com o seu semelhante necessitado ou sofredor.

Há muitas espécies de dor. Mas, em última análise, todas se poderão sintetizar em três categorias: a dor física, a dor moral e ainda a tristeza pelo sofrimento dos outros. As dores reais e violentas impõem soluções imediatas, muitas vezes drásticas. Ninguém pode suportar durante muito tempo uma cólica renal: tem de procurar o alívio de um analgésico, algumas vezes até de um narcótico. Poucos, talvez, nenhuns conseguem em suas próprias forças guardar a calma e tranquilidade de coração perante o leito de morte de um filho querido: ou se afundam no desespero ou clamam em alta voz para Deus. As dores violentas são como os duches escoceses — obrigam a pessoa atingida a reagir.

Mas há, por outro lado, as dores lentas, surdas, insidiosas, habituais. São essas as que mais envenenam a existência. No plano físico, são essas dores, muitas vezes imaginárias ou exageradas, que fazem encher os consultórios dos médicos. No plano moral e espiritual, são as pequenas desavenças, ciúmes, invejas, sentimentos de inferioridade e pensamentos de que não se é tido na devida conta, que cada criatura de Deus cumpra, na justa medida, a sua missão na Terra.

Como cristãos qual deve ser pois a nossa posição perante a dor, seja ela de que espécie for?

Antes de tudo devemos pensar que a dor, como o pecado de onde deriva, são incidentes no plano da eternidade embora sejam constantes no plano do tempo. «Achamo-nos num mundo de sofrimento. Dificuldades, provações e dores nos aguardam em todo o percurso para o lar celeste. Muitos existem porém, que tornam duplamente pesados os fardos da vida por estarem continuamente antecipando aflições. Se têm de enfrentar adversidade ou decepção, pensam que tudo se encaminha para a ruína, que sua sorte é a mais dura de todas, que vão por certo cair em necessidade. Trazem assim sobre si o infortúnio, e lançam sombras sobre todos os que os rodeiam (3). Apesar de a dor ser, no estado actual das coisas, inevitáveis, Deus não deseja que sejamos vencidos por ela nem que se torne o polo de gravitação da nossa existência. Sendo a vida de constantes lutas entre o ser e o não ser, têm neste plano actualidade perfeita as palavras de Paulo: «Como contristados mas sempre alegres; como pobres mas enriquecendo a muitos: como nada tendo e possuindo tudo» (4).

Há dores que Deus permite que acompanhem sempre os Seus filhos. De entre elas — dor, sinónimo de tristeza — há as que sobrevêm acompanhado o arrependimento pelas faltas cometidas: «Porque estou prestes a coxear, a minha dor está constantemente perante mim» (5). Noutro lugar o Salmista diz: «Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim» (6). Assim, a tristeza, a dor que o cristão sente pelo pecado, ajuda-o a vencer a tentação e a subir mais um degrau na escada da santificação. Muitos desses sofrimentos são o resultado de uma transgressão explícita da lei de Deus, espiritual ou natural. No que respeita esta diz a serva do Senhor: «Todo o nosso bem-estar ou sofrimento pode ser atribuído na sua origem, à obediência ou transgressão no que respeita à lei natural» (7).

Há ainda dores que a vida nos traz mesmo quando aparentemente tudo está bem entre o cristão e Deus. São, a princípio,

(Continua na página 16)

Guerra ao desânimo

H. P. de Castro Lôbo

BEM conhecida é a excelente alegria de E. E. Hendricke, contando que Satanás resolveu certo dia aposentar-se. Queria então vender tudo, seu imenso arsenal, *armas e ferramentas*, numa liquidação total: ódio, inveja, furia, corrupção, violência, ciúme, fraude, roubo, deslealdade, ingratidão, mentira etc. etc; *peças* que dispôs engenhosamente, enfeitadas, em quilométrica vitrina, extensa a perder de vista. Cada qual levava etiqueta e preço.

Um pouco afastada notava-se, em certo lugar daquela exposição, uma peça cuneiforme, algo esquisita. Embora com evidentes sinais de prolongado uso, seu custo era elevadíssimo. Verdadeira fortuna!

Apontando para aquilo, alguém intrigado perguntou:

— Que é isso ali?

— É o *desânimo*, respondeu o Maligno, sem pestenejar!

— E por que tão caro? Que preço impossível!...

— Porque o *desânimo* — esclareceu então o Adversário — é para mim a mais útil das *armas* de ataque. Vale mais do que todas as outras *ferramentas* reunidas. Com ela penetro mais facilmente na mente das pessoas, seja lá quem for, o que não poderia fazer com outro qualquer instrumento. E uma vez lá dentro, dominando o pensamento, ajo como bem entendo. Um domínio completo. Repare-se que a peça está gasta porque sempre a estou utilizando. Poucos sabem que o *desânimo* é de minha própria invenção. Dela tenho antiga patente. Perante-me — concluiu o Inimigo com ar triunfante e obstinada arrogância!...

Aconteceu — remata a curiosa alegoria — que tão alto era o preço solicitado que a peça acabou encalhada: não foi vendida. E por isso mesmo continua ainda sempre às mãos do Diabo, que prossegue usando-a e dela abusando com toda gente, através do mundo, haja vista a legião dos desapontados que se encontra em toda parte. Sua obra precípua é justamente desalentar. Se ele realmente estivesse jubilado, não mais veríamos assim essa multidão de desanimados. Pulula ao redor de nosso velho mundo uma vasta confraria de desalentados, em todas as camadas sociais, de todas

as condições humanas! E tão generalizado é o mal que até sugere perniciosa praga universal. Os desanimados andam por aí em todo lugar, até mesmo dentro das igrejas ditas cristãs, cujas bandeiras contêm a mais elevada mensagem de animação!

Com efeito, o desalento é destruidor, uma espécie de «anestésico que Satanás emprega antes de arrancar o coração». Seu objectivo é arruinar, visando a escalar as próprias fortalezas da verdadeira fé. Sua nefasta penetração vai a todos os estágios da existência, desde a infância, passando perigosamente pela adolescências, juventude, maturidade até fazer seus maiores estragos às idades mais avançadas. É comum os velhos estarem sempre desapontados.

GUERRA AO DESÂNIMO

Eis porque, sem quartel, deveríamos dar cerrado combate a esse predileto ataque do Maligno. E há, portanto, necessidade da mais atenta vigilância. Todos estamos — crianças, jovens e adultos — sujeitos à fraqueza tão comum de desanimar-nos ante problemas, embaraços, lutas, tarefas, dificuldades, obstáculos e provações, materiais ou espirituais. A cada passo, na humana peregrinação, há sempre barreiras que geralmente tendem a nos desalentar. Cada dia, em pequenos ou maiores incidentes, em questões insignificantes ou mesmo nos de elevada monta, há para todos o perigo de serem levados para as sombras espessas resultantes das nuvens do desânimo. Seja no lar, na escola, no ginásio, na faculdade, na oficina, no escritório e mesmo na igreja, aquela satânica peça, que o Adversário prima em usar contra todo mundo, está sempre procurando uma fresta para penetrar, mesmo diminuta, provocando assim alguma paralisia e suas consequências. Isto sem parar, caso não encontre resistência.

Entretanto, a Providência, omnisciente não haveria de largar suas criaturas desprevenidas e desprotegidas contra mal tão grave quanto generalizado.

Há, é verdade, vários recursos contra o desânimo. Deus os provê generosamente, eficientes, e no-los aponta. É óbvio que Ele

não haveria de nos deixar à mercê do astuto Inimigo. Vejamos alguns desses recursos, provavelmente os mais importantes e eficazes.

«Mente desocupada é oficina do Diabo» — eis um ditado comum entre nós. O pobre do desocupado é tão vulnerável aos constantes ataques do desânimo que acaba tentando o próprio Tentador a manejar sua afeiçãoada *ferramenta*! Torna-se folha seca ao sabor do vento de todas circunstâncias, indo para onde seja impelido. Uma «espécie de para-raio, andando ao redor para atrair dificuldades», problemas e as consequências amarguras.

A ocupação, diz Saavedra Fajardo, «é âncora do ânimo. Sem ela andam agitadas as ondas dos afectos e das paixões, precipitando-se sobre os escolhos dos vícios». A fragorosa queda moral do rei Davi, lá no antigo Israel, ocorreu por causa de uns poucos minutos em que andava desocupado. E suas consequências permearam-lhe a vida inteira! O trabalho, «a ocupação afasta de nós três grandes males, disse Voltaire: o tédio, o vício e a necessidade», daí resultando, naturalmente, libertar-nos do desânimo. Dê-nos uma criança ocupada com seus brinquedos, um jovem ocupado com seus trabalhos e estudos, um adulto ocupado com suas obrigações — e garantimos que Satanás tem pouca chance de inserir nessas ocupadas vidas, sua cunha diabólica. Acreditamos seja esta a primeira acção prática contra as incursões do desânimo. A Bíblia, repleta de sabedoria, aconselha-nos, repetidamente, o «Esforça-te e tem bom ânimo». Quer dizer: de acção, trabalho, ocupação resulta bom ânimo.

Há também entre nós este outro não menos curioso ditado: «Quem canta seus males espanta». A sapiência popular encerra muito ensinamento em seus aforismos. Aí está pensamento salutar reflectindo ensino espiritual. Nosso problema, no que aqui procurando demonstrar, é afinal resistir, e resistindo afugentamos o Maligno, para que ele fuja de nós, conforme nos ensina a fé genuína. O canto sagrado concorre incontestavelmente para isto. Em Sua oficina de carpinteiro, Jesus criança, jovem e depois homem feito, é-nos dito, cantava e baixa anjos maus prontos a assediá-Lo, se lhes fosse dada ocasião. Realmente, «o canto é arma que podemos empregar contra o desânimo».

Assim, como vimos, tanto a laborterapia quanto a musicoterapia — se nelas cânticos possam ser incluídos — são recursos apropriados contra o insidioso mal do desânimo.

Ainda outro escudo protectivo é o salutar exercício da oração. Ninguém é vencido se pode orar de todo coração.

«E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca desanimar». Nessa parábola do juiz iníquo Jesus ensina que, para remover uma injustiça, para sarar um desalento desta orimundo, a divina solução não é apenas a oração mas perseverança em usá-la. Aí a prece se apresenta como infalível antídoto à de ânimo, a despeito do volumoso problema, não obstante o tamanho da provação, já que, «a todos quantos estão buscando sentir a mão guiadora de Deus, o momento de maior desânimo é justamente aquele em que mais perto está o divino auxílio».

É-nos dito que «na vida de todos se apresentam ocasiões de severo desapontamento e desânimo completo». Mesmo os paladinos e os mais destacados personagens das Escrituras — patriarcas, profetas, e apóstolos — experimentaram duros revezes e tempos de dolorosas perplexidades.

Portanto, «em toda emergência compare-nos buscar auxílio d'Aquele que possui a Sua disposição infinitos recursos. Sermos muitas vezes rodeados por circunstâncias probantes, e então, com a mais plena confiança em Deus devemos esperar firmemente».

Estamos, com efeito em plena guerra. Há combates em várias frentes no viver diário. É verdade que podemos perder algumas batalhas. Contudo, cabe-nos a valentia de soldados para vencer na luta contra o desânimo e ter nossa vida o sentido exacto da sua razão de ser.

«No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, Eu venci o mundo». Aqui Jesus nos previne bondosamente que todos, sem excepção, têm sua cota de sofrimento. Ele mesmo tomou a Sua, que de todas foi a mais pesada.

Alguém se referiu ao bom ânimo como «notável lubrificante para a máquina da vida, uma vez que aumenta o valor da habilidade natural das pessoas, como seu poder físico e mental».

Norval Pease conta-nos que certa vez passou pela Via Ápia, a milenar estrada romana percorrida pelo grande apóstolo Paulo, quando foi a Roma como prisioneiro. Lembra que algures, ao longo daquele antigo caminho, o apóstolo deu graças a Deus e cobrou ânimo no encontro com um grupo de irmãos da mesma esperança. Naquele metrópole do mundo havia inimigos que tinham poder capaz de paralisar-lhe o ministério e mesmo tirar-lhe a vida. Mas aquela cidade representava um repto para o testemunho do Senhor que ele amava e

servia. O valoroso apóstolo reagia assim a uma situação desencorajadora dando de si o melhor que possuía. Dali ele passou a escrever várias de suas riquíssimas epístolas, saturadas do mais sadio ânimo para a igreja apostólica e que a nós chegaram com o mesmo poderoso estímulo. São elas parte integrante da nossa preciosa Bíblia e cujo frescor ainda está repleto de animações, as mais preciosas aos sentimentos humanos. Paulo até ali e mesmo até seu martírio havia sido campeão contra o desânimo. Este jamais ganhara uma única polegada no terreno do seu admirável coração. O ânimo fizera dele um gigante!

Não importa se não atingirmos nem

mesmo um décimo dessa magnífica estatura. Realmente, não importa. Mas importa que não desfaleçamos, e jamais nos desalentemos, em envidar decididos esforços para não sermos pigmeus, embora não sejamos gigantes!

Bibliografia

1. Deuteronomio 31:7, 23 e Josué 1:7, 9.
2. Tiago 4:7, ú. p.
3. «O Desejado de Todas as Nações», 51.
4. «Evangelismo», 499.
5. S. Lucas 18:1.
6. «O Desejado de Todas as Nações», 393.
7. «Profetas e Reis», 162.
8. «O Desejado de Todas as Nações», 274.
9. S. João 16:33, ú.p.

O Cílio e a dor (Cont. da página 12)

quase todas incompreensíveis e muitas delas só a eternidade as esclarecerá. São, no entanto, todas elas, sinais que Deus nos manda para nos ajudar a encontrar as clareiras da floresta da vida. «Deus nunca dirige Seus filhos de maneira diversa daquela por que eles próprios haveriam de preferir ser guiados, se pudessem ver o fim desde o princípio, e perscrutar a glória do desígnio que estão realizando como colaboradores Seus» (8). É nesta medida que a forma como reagimos à dor, seja dor física ou moral, passageira ou habitual, revela a profundidade da nossa fé. Se é Deus que nos dirige e se Ele permite que a dor nos aflija, como poderemos revoltar-nos perante ela ou sofrê-la com menos paciência? «Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos: porque, que filho há a quem o pai não corrija?» (9). O Senhor trabalhará por todos os que n'Ele puseram a sua confiança» (10).

Há, finalmente, outro prisma da dor que, como cristãos, muitas vezes esquecemos. É dito de Cristo: «Verdadeiramente Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre Si» (11). Seriam outras as nossas dores se Cristo não fosse o Salvador. Seria outra a resposta à pergunta de Jeremias: «Porventura não há unguento em Gilead? Ou não há médicos?» (12). Através das Suas dores, Cristo ganhou a vitória sobre a dor; e na medida em que seremos participantes da Sua glória, também Ele nos chama a participar das Suas dores» (13). «E de todos os dons que o Céu pode conceder aos homens, a participação com Cristo nos Seus sofrimentos é o mais importante depósito e a mais elevada honra» (14).

São escuras as nuvens que passam hoje por sobre a cabeça de cada cristão; parecem por vezes insuportáveis as dores nos afligem. O Senhor disse que problemas co-

mo os que hoje temos seriam apenas o princípio das dores (15). Haverá no futuro dores que serão insofríveis (16) para o cristão que não estiver profundamente enraizado em Cristo. Então os tempos hoje, mesmo com sofrimento, serão lembrados como dias calmos. Mas não precisamos de temer, diz o Senhor: «Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida» (17). Se a nossa identificação com Cristo tiver de chegar até aí, não hesitemos em continuar o caminho.

Como cristãos lembremo-nos sempre de que no plano do tempo nunca nos poderemos libertar da dor. Essa libertação está condicionada à nossa relação para com a eternidade — e não há eternidade sem Cristo.

«E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor» (18).

Referências

- (1) — Provérbios 17:22
- (2) — Lamentações 1:12
- (3) — E. White, «A Ciência do Bom Vi-ver», pág. 247
- (4) — I Coríntio 6:10
- (5) — Salmos 37:17
- (6) — Salmos 51:3
- (7) — E. White, «Testemunhos», Vol. III, pág. 161
- (8) — E. White, «O Desejado de Todas as Nações», pág. 162.
- (9) — Hebreus 12:7
- (10) — F. White «O Maior Discurso de Cristo», pág. 15
- (11) — Isaías 53:4 p. p.
- (12) — Jeremias 8:22
- (13) — I Pedro 4:13
- (14) — F. White, «O Desejado de Todas as Nações», pág. 163
- (15) — S. Mateus 24:6-8
- (16) — Isaías 18:11
- (17) — Apocalipse 2:10
- (18) — Apocalipse 21:4

A Assembleia da Conferência Geral

No próximo mês de Julho do ano corrente vai realizar-se a Assembleia da Conferência Geral que, pela primeira vez, na história da nossa Igreja terá lugar, fora dos Estados Unidos precisamente na Europa.

O importante acontecimento — o nosso Concílio Ecuménico — realizar-se-á, em Viena, a famosa cidade do Danúbio Azul tão cheia de tradições e de recordações históricas. Durante a Assembleia terá lugar a eleição do Presidente da Conferência Geral. Será uma oportunidade única para contactar com irmãos de todas as partes do Mundo, de todas as raças, de todas as línguas, podendo ouvir inspiradas mensagens assim como belos coros e produções musicais de alto valor espiritual.

Dissemos que a Assembleia da Conferência Geral constitui o nosso Concílio Ecuménico. De facto é assim mesmo.

O primeiro Concílio Ecuménico que se realizou na Igreja Cristã, foi o Concílio de Jerusalém, de que temos notícias no livro dos Actos capítulo 15. Lemos aqui que surgiram «discussão e contenda» sobre a validade para os gentios convertidos, da circuncisão e de outros preceitos rituais da lei de Moisés. Tratava-se de um assunto que não era explicitamente mencionado na Sagrada Escritura, mas que devia ser estudado à luz da mesma. Reuniram-se então os apóstolos e os anciãos, e Paulo e Barnabé foram contados entre os delegados. Aberta a audiência, Pedro fala como tendo tido uma revelação divina específica sobre o assunto e experiência na causa em questão; terminada a discussão, Tiago, que presidia a reunião, toma a palavra e encerra o concílio; baseado na Escritura — cita Amós 9:11-12- e «apresenta o seu testemunho com decisão declarando que era o propósito de Deus outorgar aos gentios os mesmos privilégios e bênçãos concedidos aos judeus. Ao Espírito Santo pareceu bem não impor aos gentios conversos a lei cerimonial, e o parecer dos apóstolos a este respeito foi dado como o do Espírito Santo. Tiago presidiu ao concílio e a sua decisão final foi: «Pelo que julgo que não se devem perturbar aqueles dentre os gentios, que se convertem a Deus. Isto pôs fim à discussão. Neste exemplo temos a refutação da doutrina mantida pela Igreja Católica-Romana de que Pedro era a cabeça da Igreja. Coisa alguma na vida de Pedro dá sanção à afirmativa de que ele fora colocado acima dos seus irmãos, como representante do Altíssimo». (*Actos dos Apóstolos*, pág. 194 e 195). O Concílio Ecuménico, isto é, geral ou uni-

versal, com representantes de todo o mundo é, portanto, baseado na Sagrada Escritura. Foi este Concílio de Jerusalém o primeiro Concílio Ecuménico. O segundo foi o de Niceia, em 325, convocado e presidido pelo Imperador Constantino, para definir a doutrina acerca da Divindade de Jesus, que era negado pelo Arianismo. Seguiram-se outros Concílios através dos tempos, assim como Conciliábulos, em que os bispos chegavam a escomungar-se mutuamente. Roma acabou por empalmar a situação, convocando os Concílios e dirigindo-os. No próximo mês de Julho, repetimos, a nossa Assembleia da Conferência Geral será a reunião dos delegados adventistas, representantes do Movimento da Mensagem dos Três Anjos.

Como já dissemos será eleito ou reeleito Presidente da Conferência Geral.

A Igreja Adventista já teve, desde 1863, até o presente, treze Presidentes da Conferência Geral; os três primeiros foram John Byington, James White e J. N. Andrews, o primeiro missionário vindo para a Europa pregar a Mensagem. Como sabemos o actual Presidente é o Pastor Robert H. Pierson, eleito pela primeira vez em 1966.

Durante as reuniões desta grande Assembleia, os dirigentes das nossas Uniãos mundiais apresentarão relatórios do amor e da bênçãos de Deus nos seus vastos territórios.

É uma grande oportunidade para o exercício da democracia adventista, nas discussões, nas votações, nos propósitos a realizar.

Têm os participantes a boa oportunidade de pôr em prática as mais cordiais relações humanas, que devem apanágio dos que vivem no limiar da eternidade e que, por isso mesmo, não devem interpor barreiras entre si. A dignidade humana deve ser respeitada por todos nós, como filhos do Rei.

«Nenhuma espécie de nacionalismo, racismo, tribalismo — ou qualquer outro «ismo» separatório — deve impedir a união do povo de Deus nestes dias turbulentos».

Temos obrigação de orar, nomeadamente nas nossas reuniões de oração, de uma maneira especial para que Deus abençoe grandemente a Assembleia da Conferência Geral, de modo que os delegados e responsáveis, divinamente iluminados pelo Espírito Santo, tomem as medidas convenientes e necessárias para que nosso Divino Salvador apresse a Sua gloriosa Vinda, como todos ansiosamente desejamos e esperamos.

A Liberdade Religiosa

por A. Casaca

Entende-se por liberdade a faculdade ou o poder moral que o homem tem de agir ou não agir, de escolher uma coisa ou outra, isenta de qualquer espécie de coacção.

É esta a denominada *liberdade psicológica* que é a raiz, o fundamento das liberdades denominadas: religiosa, política, civil, etc.

Debalde se falaria de liberdade civil ou religiosa, se homem não tivesse a liberdade psíquica ou psicológica—isto é, o poder moral de querer ou não querer alguma coisa, sem qualquer coacção, quer interna quer externa. É esta liberdade—este poder moral que o homem tem de escolher—que constitui, precisamente, a base das várias liberdades de que o homem goza.

De todas as formas ou espécies de liberdade é, decerto, a liberdade religiosa, a mais importante, porquanto a liberdade de ter uma religião e de praticar, de mudar de religião ou mesmo de não ter nenhuma ou de não praticar nenhuma,—é o fundamento de toda a actividade do indivíduo e, consequentemente, das outras espécies de liberdade.

Pode dizer-se que a nossa própria vida, mesmo nos seus aspectos quotidianos, é influenciada pela nossa escolha tanto filosófica como religiosa.

Efectivamente, a nossa atitude para com o Estado, para com a Família, para com os nossos semelhantes, para conosco mesmos,—tudo isto depende da nossa maneira de considerar a vida:—atitude filosófica e religiosa.

Até a nossa maneira de nos ali entrarmos, de nos vestirmos, de tratarmos dos nossos negócios, de educarmos os nossos filhos—tudo isto está dependente das nossas posições filosóficas e religiosas.

É, portanto, indispensável que a liberdade religiosa seja um facto, uma vez que também condiciona a nossa existência nos seus aspectos materiais, espirituais e morais, como escreve Maritain, na sua obra «Os Direitos do Homem e a Lei Natural».

A liberdade religiosa é o ponto de partida das liberdades civis e políticas. É a luta para adorar Deus, conforme a própria consciência, luta esta que abalou a organização política-religiosa medieval.

Ainda hoje a religião desempenha papel importante na vida dos povos, como se pode verificar pelo facto de em vários Esta-

dos se professar uma religião oficial, quer seja a cristã ou a islâmica ou a das religiões asiáticas.

Em certos casos, a vida económica dum país pode ser atingida seriamente, como se verificou na França, depois da revogação do Edicto de Nantes; esta revotação originou a saída de cerca de 100.000 protestantes, da França, para a América e para vários países da Europa, levando consigo, os seus haveres e os seus conhecimentos de ordem vária, desde a actividade comercial e industrial até às letras e ciências.

Presentemente esboça-se a necessidade de considerar a Liberdade Religiosa sob o ângulo internacional, de acordo com os problemas levantados pelos meios de comunicação e pelo aumento rápido da população em todo o mundo; tudo isto levanta problemas que só podem ser convenientemente resolvidos a uma escala internacional.

O mesmo se nota nas Igrejas que estão procurando chegar a uma organização internacional.

Para o bom andamento das coisas é indispensável a ordenação, a disciplina. Nas coisas materiais, a máquina, desde a mais simples até à mais complicada exige que as peças se encontrem no seu devido lugar. O mesmo acontece no que diz respeito à sociedade, quer seja civil quer seja religiosa.

Sem ordem e disciplina é impossível efectuar algo de proveitoso.

Por isso uma das primeiras lições que a criança precisa de aprender é a obediência, como muito bem escreve a Irmã White.

«Antes que a criança fique bastante idosa para raciocinar pode ser ensinada para obedecer. Deve estabelecer-se hábito por meio de um esforço brando e persistente. Desde modo se podem evitar, em grande parte, aqueles conflitos posteriores entre a vontade e a autoridade, os quais tanto concorrem para criar hostilidade e amargura para com os pais e professores, e muito frequentemente, resistência a toda a autoridade, humana ou divina». (Educação, pág. 287).

Educada desde pequena a criança prosseguirá no caminho do dever, uma vez que os exemplos dos seus mentores, no lar, na escola e na oficina não se levantem como barreiras a dificultar-lhe ou a impedir-lhe a marcha.

Notícias do Campo

Divisão Euro-Africana

Recentemente, os estudantes da Escola Secundária de Marusevec decidiram levar a efeito uma «velada» de leitura da Bíblia, cobrindo todo o texto do Velho e do Novo Testamento. Deu-se antecipadamente a cada estudante uma porção para ler em voz alta, na capela, logo que chegasse a sua vez. Este programa durou 45 horas consecutivas, abrangendo quase dois dias e duas noites completas. Houve sempre vários estudantes presentes para ouvir a leitura em público.

De grande interesse para a Igreja da Austrália é a nova legislação que permite a objectores de consciência serem recrutados num ramo de caridade ou outro serviço governamental, em vez do serviço militar regular. A lei entrou em vigor em 1 de Janeiro de 1975.

No último Concílio de Inverno em Berna, esteve presente uma vasta representação de delegados dos países socialistas. Havia três da Roménia, três da Jugoslávia, três da Checoslováquia, dois da Hungria e dois da República Democrática Alemã. Estiveram também presentes quatro visitantes dos Estados Unidos da América, nomeadamente F. W. Wernick, C. H. Lauda, V. M. Montalban e H. D. Singleton. Participaram também dos trabalhos três pastores africanos dos campos missionários, representando respectivamente Madagáscar, os Camarões e Angola.

A primeira reunião do Concílio de Berna tomou a forma de um serviço de ordenação. O Pastor Arthur C. Vine, da Inglaterra, foi convidado para fazer o sermão especial. O seu filho Malcolm Vine, juntamente com Erich Amelung, tesoureiro da Divisão, foram ambos consagrados ao ministério, na presença de quarenta outros pastores.

Por ocasião das comemorações do 800.º aniversário da Comunidade Valdense, em Torre Pellice, na Itália, um ministro adventista, o Pastor Robert Bertalot, decendente de um dos primeiros adventistas na Europa, marchou à frente de um grupo de jovens franceses da sua igreja, fazendo o percurso da famosa marcha histórica que Henri Arnaud havia em 1689, juntamente com mil exilados valdenses, desde Nyon no Lago de Genebra. Os seis peregrinos completaram a

sua marcha de quase 300 quilómetros em 11 dias, e chegaram no dia do aniversário, 15 de Agosto, sob os aplausos da multidão reunida em Torre Pellice para as celebrações valdenses.

Durante um longo fim-de-semana, de 31 de Outubro a 3 de Novembro, cerca duma centena de jovens adventistas do sétimo dia, estudantes de universidade em França, estiveram reunidos em convívio social e espiritual. O tema da convenção foi «Vida Espiritual» e houve cinco oradores convidados para tratar dos diferentes aspectos daquele estudantil com estatutos legais, de maneira a possibilitar um melhor contacto entre as diversas sociedades de adventistas universitários já existentes.

No Domingo, 20 de Outubro, foram oficialmente inaugurados os novos edifícios da escola de Sagunto, Espanha. Este seminário tem características acentuadamente internacionais, pois o seu corpo docente compõe-se de 38 espanhóis, 12 norte-americanos, 4 portugueses, 3 franceses, um mexicano, um holandês, um suíço, um canadiano e um cidadão das Antilhas Holandesas. O Pastor Ernesto Ferreira, durante muitos anos presidente do campo português, é actualmente o director do departamento teológico do Seminário de Sagunto.

Foi encontrado o local apropriado para o esforço evangelístico de Arturo Schmidt em Valência, Espanha. Procura-se agora obter a autorização para ali erguer a tenda gigante onde se realizarão as conferências. Os membros da igreja daquela cidade estão instruídos e preparados para fazer a sua parte no testemunho pessoal e dando estudos bíblicos.

Durante o ano passado a Espanha acrescentou 248 membros, Portugal 208 e a Itália 169, ao número dos seus crentes. O Sul da França baptizou 132 membros, com um aumento líquido de 55 para o ano todo.

S. F. Monner, presidente da União e D. Riemens, presidente da missão, fizeram oferta de um livro «*Patriarcas e Profetas*» ao violinista Yehudi Menuhin, em Jerusalém.

Durante três fins-de-semana a nossa escola de Florença, na Itália, recebeu gratuitamente jovens susceptíveis de se inte-

ressa: pelos estudos teológico, com a finalidade de lhes dar a conhecer melhor aquela instituição.

Henri Tirce, presentemente pastor em Toulouse, França, foi nomeado presidente da Missão da Reunião. Terá como colaborador Gérard Viney, das Ilhas Maurícias, na qualidade de secretário-tesoureiro.

Johan Van Bignoot, trabalhando actualmente na Reunião, foi nomeado presidente da Missão das Maurícias, sucedendo a Sam Appave que tomou a seu cargo o colégio de Phoenix. Esta escola desempenhará agora a função de seminário da União do Oceano Índico.

Calude Bosdedore, missionário francês actualmente na Reunião, foi transferido para as Ilhas Seychelles, onde assumirá o cargo de presidente.

Durante o mês de Maio foram organizados dois planos de cinco dias para deixar de fumar, entre a população árabe de Israel. Foram dirigidos pelo Dr. Hayton, da equipa de cirurgiões do coração, de Loma Linda, agora em Atenas, e por S. F. Folkenbera da Divisão Euro-Africana.

Malton Braff, presidente da Missão de Cabo Verde, informa que, logo que ali cheguem os livros que devem ser enviados de Portugal, entrarão ao serviço três novos colportores-evangelistas.

O número de baptismo para 1973 na União Sul-Europeia totalizou 963, tendo a

Espanha, a Grécia e Portugal registado aumentos em relação ao ano anterior.

Foi atribuído à obra de beneficência no Chad um subsídio de quatro mil francos suíços (cerca de vinte e oito mil escudos).

A missão das Ilhas de Cabo Verde está fazendo planos para ampaliar cada uma das -tesoureiro.

Paul Tièche foi unanimamente reeleito presidente da Associação da Suíça de língua francesa, na sua recente assembleia realizada em Bienne. O novo secretário-tesoureiro é Sylvan Meyer, que por muitos anos serviu como gerente do sanatório suíço de Gland.

Na recente sessão bienal da Associação da Bélgica-Luxemburgo em Bruxelas, Georges Czaerck foi eleito presidente da Missão, sucedendo a Jean Geeroms, o qual foi transferido para a evangelização. Roger Merckx foi nomeado novamente como secretário - tesoureiro.

Pierre Lanarès, secretário do departamento da liberdade religiosa na nossa divisão, fez um primeiro contacto favorável com o ministro grego da religião e educação.

A. Vontzalides, estudando actualmente em Newbold, aceitou o chamado para regressar ao seu país, a Grécia, a fim de se dedicar ao trabalho de evangelização.

Aguardando a ressurreição

Depois de alguns anos de saúde débil e com 94 anos de idade, descansou no Senhor, no dia 24 de Fevereiro de 1975 o nosso prezado irmão TADEU CACESTO DE ALMEIDA.

Depois de ter trabalhado 20 anos como obreiro da Missão Evangélica do Bailundo, o irmão Tadeu aceitou a mensagem Adventista em 1939 tendo sido baptizado na Missão da Namba pelo Pastor Anderson então presidente da nossa União.

Depois desta data o irmão Tadeu foi obreiro fiel da Causa da Verdade tendo-se ocupado de vários grupos na Área do Luimbale. Em 1943 foi chamado para exercer o cargo de capataz da Missão do Bongo, mas devido a sua idade e temperamento, deixou esta actividade 2 anos depois.

Deixa este irmão algumas dádivas maravilhosas à Igreja Adventista em Angola, o esforço com que sempre se dedicou ao trabalho, através do qual inúmeras pessoas conhecem a mensagem, e filhos e filhas a

quem teve o cuidado de educar no temor do Senhor, que na sua maioria hoje servem a Causa do Mestre neste Campo, entre os quais destacamos o Pastor Isaque Tadeu, actual Secretário de Campo da nossa União.

Participaram na cerimónia fúnebre o Pastor Venâncio Chipopa que em algumas palavras simples e objectivas, apresentou uma mensagem de ânimo e consolo para todos os parentes e amigos. O Pastor Juvenal Gomes que no cemitério falou acerca do estado do homem na morte, fazendo depois um apêlo a todos os presentes para se prepararem para que um dia, quando Jesus voltar, possam viver com seu ente-querido a vida eterna. Finalmente o Pastor Joaquim Morgado finalizou esta cerimónia lendo as promessas da nossa Bem-aventurada Esperança.

O Boletim Adventista, apresenta ao Pastor Isaque Tadeu e demais família enlutada as mais sentidas condolências, lembrando-lhes que se forem fiéis até ao fim terão a alegria de viverem eternamente com seu querido.